



H0643

BELEZA E DEFORMIDADE. O PROBLEMA DO GOSTO NA FILOSOFIA DE DAVID HUME

Rafael Fernandes Barros de Souza (Bolsista PIBIC/CNPq) e Prof. Dr. José Oscar de Almeida Marques (Orientador), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH, UNICAMP

Uma vez que se apela aos sentimentos de beleza e deformidade, quer dizer, ao gosto, para decidir sobre a superioridade de algumas obras de arte, surge um impasse, de onde nasce a filosofia: o mesmo apelo, porque o gosto é subjetivo e diverso, parece levar a uma completa relatividade de juízos, ao invés de possibilitar uma justa decisão. Essa é a principal questão analisada pelo filósofo David Hume em seu ensaio *Do Padrão de Gosto*, texto que é nosso objeto central de leitura e estudo. Embora ali se apresente, condensados, conceitos-chave de sua filosofia, como num esboço geral de suas idéias, Hume se foca, ainda que frouxamente, como é típico de um ensaísta, na fundamentação de uma teoria da crítica cujo critério deve sempre ser o sentimento. A solução para o problema do gosto parte da determinação de um método de contemplação e crítica que assegura um modo padrão de sentir um sentimento. Argumentando como é possível que, dentre distintos modos de sentir um sentimento, um modo seja mais correto que outro (isso por referência ao modo padrão de sentir), Hume produz critérios para a avaliação artística. Esse estudo é nossa “porta de entrada” para a filosofia humana; a qual, justamente por basear questões centrais das ciências práticas e especulativas no sentimento, opõe-se frontalmente ao tratamento racionalista desses assuntos, sem por isso cair, como algumas vezes é acusada, nas malhas do ceticismo.

Gosto - Crítica - Estética